

**Pesquisas em andamento**

Versos que curam: etnografia dos saberes de cura numa poética-visual

DOI: 10.3395/reciis.v3i2.253pt



Messias Basques

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos – São Carlos, Brasil
messias.basques@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa pretende analisar folhetos de cordel referidos a saberes de cura, tendo como objetivo a análise desta produção poético-visual. A hipótese do trabalho é que os saberes de cura populares tinham no universo dos folhetos um importante meio de divulgação de casos, histórias e estórias. Trata-se não só de retratar a cisão que legou a estes saberes um papel subalterno, mas, sobretudo, de problematizar a assimetria epistemológica produzida entre o 'saber' da ciência e a 'crença' dos outros. E importa questionar a tradicional classificação tanto destes saberes quanto deste gênero poético nas categorias da superstição e do folclore, em razão de que tal julgamento implicaria perda daquilo que poderia ser caracterizado como expressão de um sortilégio de saberes, além da inobservância da peculiaridade e estatuto da poesia e a relação de alteridade suscitada pela fala na escrita e seus recursos imagéticos. Para tanto, far-se-á etnografia no Arquivo IEB-USP - que abriga as coleções de folhetos arrolados - com vistas a cotejar o objetivo inicial da pesquisa em face da apropriação deste gênero poético no projeto *Terceira Viagem dos Poetas ao Brasil – Nordeste – Caravana da Saúde* (Pernambuco, 1994), que resultou na produção de folhetos sobre medicina preventiva.

Palavras-chave

saberes de cura; folhetos de cordel; poética-visual; Pernambuco

Introdução

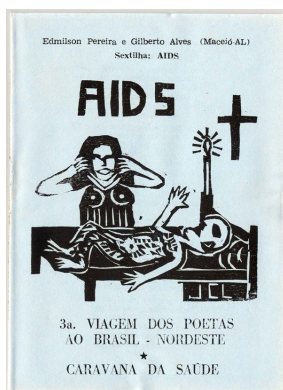
Esta pesquisa nasceu das atividades de catalogação e organização do acervo de folhetos, manuscritos e gravuras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), realizadas durante o ano de 2007. E não obstante o fato de que o trabalho de arquivista não previsse a leitura dos folhetos, mas tão somente a sua adequação ao espaço do Arquivo, por vezes, escapava às tarefas de praxe, e saltavam-me aos olhos as maneiras com que os poetas/gravuristas pareciam submeter todo e qualquer assunto ao estilo de suas narrativas: uma poética-visual baseada numa inscrição ordenada da fala na escrita que, entre versos e imagens, enreda saberes e

personagens diversos. A relação do arquivo com o antropólogo que ali se via antes como funcionário do que como um pesquisador em campo, se deu em função de que o trabalho neste ambiente se transformou em lócus de uma incursão etnográfica não planejada, uma vez que o *arquivo* se converteu em *campo* devido à inquietude diante de artefatos que até então eu desconhecia. Envolto numa miríade de documentos, via-me rodeado pelos outros acervos, tais os de Guimarães Rosa e Oswald de Andrade, e por uma parafernália técnica que assegura sua preservação, o que de certo modo faz do Arquivo uma espécie de laboratório climatizado e em constante vigília contra as agências de fungos e outros de seus algozes.

A descoberta da recorrência de certos temas nas poesias e suas gravuras suscitou o inquérito e leitura minuciosos de seu conteúdo. E surgia assim o anseio de arrolar aqueles folhetos que tivessem em seus versos e gravuras estórias e relatos de personagens tidos como curandeiros e taumaturgos, suas práticas e recursos terapêuticos. Daí, deparei-me com a seguinte situação: de um lado, folhetos provenientes de diversos estados da região Nordeste do Brasil, com datas-limite de 1890 a 1990 e que tinham sido escritos em torno de casos de cura por feitiços, garrafadas, águas-bentas; e, de outro, surpreendeu-me a existência de uma coleção de folhetos advindos de uma iniciativa chamada *Terceira Viagem dos Poetas ao Brasil – Nordeste – Caravana da Saúde*, realizada na década de 1990, com participação de agências estatais, majoritariamente pernambucanas, e que tomou de empréstimo os versos e imagens dos folhetos com o objetivo de divulgar uma medicina preventiva ilustrada por médicos que ditaram os assuntos e elementos das narrativas. Foi assim que o objeto da pesquisa passou a ganhar, pouco a pouco, uma configuração.

Dentre todos aqueles folhetos, com datas-limite variadas mas procedentes, em sua maioria, do Estado de Pernambuco, passei a me interessar pelo exercício de lê-los em tomadas de vista em face destes outros, advindos da referida campanha de saúde capitaneada por instituições públicas que viram no estilo narrativo dos folhetos uma forma de acesso e divulgação de conceitos e profilaxia da medicina preventiva, versados por poetas que promoveram o agenciamento daquela poética-visual com novos personagens e saberes, em detrimento das figuras de “sobrenatureza”, seus casos “fantásticos” e “cômicos”, evocadas pelas práticas dos curandeiros e benzedores dantes versadas.

Tendo a saúde popular como mote, o projeto agrediu mais de cem pessoas, que durante um ano e meio se engajaram em um treinamento intensivo de saúde. Aliás, saúde esta entendida sob o crivo permanente da medicina oficial. E, assim, cerca de noventa cordelistas participaram de um amplo processo de formação e integraram uma caravana que percorreu de ônibus nove estados nordestinos. Foram vinte e cinco dias, no final de 1994, nos quais foram percorridos mais de seis mil quilômetros. Além da apresentação de cantorias ao vivo, a ação resultou na produção de folhetos de cordel. Tais os excertos do folheto sobre aids, abaixo arrolados:



Capa do folheto “AIDS”, de Edmilson Pereira e Gilberto Alves. 1994. Documento sob guarda do Arquivo IEB-USP.

Para que se evite Aids
Existe uma explicação
Aids não pega no beijo
Nem no aperto de mão
Pega em transfusão de sangue
E agulha de injeção
(...)
Usando preservativo
Previne duas matérias
Evita o vírus da Aids
Outras doenças venéreas
Que apesar de ter sua cura
As outras também são sérias.
(Pereira & Alves 1994)

Como a pesquisa decorre de um estudo em arquivo, procuro estabelecer um recurso imaginativo a partir da minha inserção em campo com o objetivo de apreender cada conjunto de folhetos mediante a temática dos saberes de cura em *um e noutro caso*, procedendo por um exercício que ora se volta aos folhetos, gravuras e demais fontes da etnografia, ora à discussão com a antropologia, fazendo da escassa bibliografia sobre o assunto em tela uma abertura à possibilidade de promover encontros, agenciamentos e conexões transversais entre todos esses atores (artefatos, saberes e pessoas). Dos campos etnográficos clássicos aos arquivos, pode-se dizer que não há nada de essencialmente distinto, a não ser o fato de que se continua a fazer antropologia, com atores diversos, concernidos pelos ambientes e práticas que lhes dizem respeito, e cuja apreensão coloca-se igualmente como desafio a todo e qualquer etnógrafo.

O trabalho tem como inspiração a produção recente em torno daquilo que se convencionou chamar de etnografia dos/nos arquivos (CUNHA, 2005), e que ora disponho em sintonia com a formulação de Bruno Latour (1996) a respeito das possibilidades de pesquisa em laboratórios, bibliotecas e coleções. Latour oferece-nos uma breve reflexão sobre as relações entre *inscrições e fenômenos*, a fim de mostrar que a circulação destes *intermediários* (artefatos), muitas vezes menosprezados, engendra não somente o corpo como também a alma do conhecimento (LATOURE, 1996, p.161). Pois se o laboratório pode ser entendido como o agente de universalização de conhecimentos – em que consiste precisamente a construção dos ditos fatos científicos –, os museus, bibliotecas e arquivos podem ser entendidos como espaços de figuração de *fatos* e *versões* sobre expressões tomadas como exemplares das culturas que se pretende resguardar. Vis-à-vis, ao tratar da questão da cultura material nos estudos antropológicos, Timothy Ingold nos diz que “a cultura é concebida como algo que paira *sobre* o mundo material, mas que não o *permeia*” (2000, p.340, grifos meus). Interessa-me inquirir o que tais artefatos nos dizem a respeito dos saberes de cura e seus personagens, e assim recuso-me a tomá-los como meras ilustrações de algo que se poderia chamar de uma cultura sertaneja ou nordestina.

Cito, em seguida, o folheto “Os Milagres do Bento de Bebiribe e o Enterro da Medicina!”, que narra os feitos de um curandeiro chamado Bento, que por ocasião de seus milagres e curas passou a rivalizar com a classe médica da Cidade de Recife (PE), despertando críticas

e a ira destes que à época perdiam a clientela e viam abalado o monopólio do exercício das práticas de cura e medicação. Seguem alguns dos versos deste folheto de Francisco Chagas Batista, publicado em 1913:

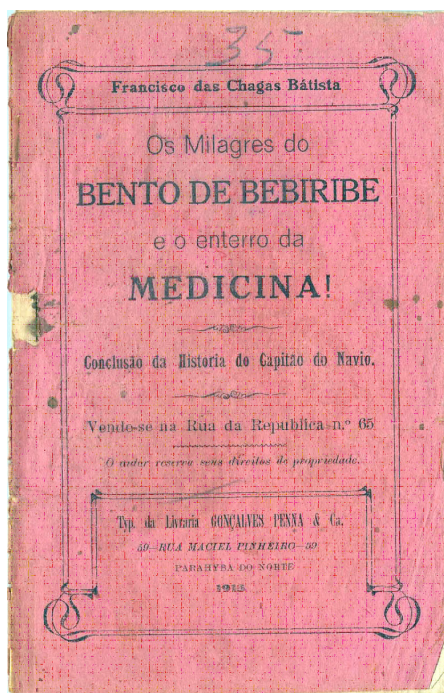


Figura 2 - Capa do folheto “Os Milagres do Bento de Bebiribe e o Enterro da Medicina!”, de Francisco Chagas Batista. 1913. Documento sob guarda do Arquivo IEB-USP.

Srs. no ceulo vinte,
 Tudo nós temos de ver:
 Os progressos da sciencia
 São tantos, que fazem crer
 Que não se esgota o invento;
 Pois temos agora um Bento
 Que nos livra de morrer!!
 Não quero dizer com isso,
 Que êle nos faça imortal,
 Apenas digo e afirmo
 Que a todo e qualquer mal;
 Com água fria êle cura;
 E se um doente o procura
 Não gasta nem um real!
 Os medicos de Pernambuco
 Estão procurando um meio
 De possessarem de Bento;
 - Dizem que êle de permeio,
 Meteu-se na medicina,
 E que, trazer a ruina
 A' mais de cem medicos
 veio.
 (Bátista 1913).

Muitos folhetos de cordel podem ser interpretados como verdadeiras enciclopédias de receitas e veículos de debates, controvérsias e querelas acerca de doenças, curas e acontecimentos emblemáticos como a Revolta da Vacina e a luta de Oswaldo Cruz em suas campanhas no Rio de Janeiro. No folheto “Vida, Obra, Glória e Morte do Dr. Oswaldo Cruz”, de José Alves Sobrinho (1977),

a controvérsia instaurada pela Revolta da Vacina é retratada em detalhes.



Figura 3 - Capa do folheto “Vida, Obra, Glória e Morte do Dr. Oswaldo Cruz!”, de José Alves Sobrinho. 1977. Documento sob guarda do Arquivo IEB-USP.

É o grande cientista
 Oswaldo Gonçalves Cruz
 Brasileiro de São Paulo
 Nasceu no século da luz
 Trazendo todos os dotes
 Que inteligência produz
 (...)
 Reclama a população
 Contra as leis do higienismo,
 De um lado Pereira Passos
 Transformando o urbanismo
 E do outro Oswaldo Cruz
 Impondo o sanitarismo.
 (SOBRINHO, 1977)

A pesquisa pretende analisar folhetos de cordel referidos a saberes de cura, tendo como objetivo a análise desta produção poético-visual. A hipótese do trabalho é que os saberes de cura populares tinham no universo dos folhetos um importante meio de divulgação de casos, histórias e estórias. Trata-se não só de retratar a cisão que legou a estes saberes um papel subalterno, mas, sobretudo, de problematizar a assimetria epistemológica produzida entre o ‘saber’ da ciência e a ‘crença’ dos outros. E importa questionar a tradicional classificação tanto destes saberes quanto deste gênero poético nas categorias da superstição e do folclore, em razão de que tal julgamento implicaria perda daquilo que poderia ser caracterizado como expressão de um sortilégio de saberes, além da inobservância da peculiaridade e estatuto

da poesia e a relação de alteridade suscitada pela fala na escrita e seus recursos imagéticos. Tendo em vista que a pesquisa se encontra em estágio inicial, isto é, dirigida ao levantamento e revisão da bibliografia e das fontes documentais selecionadas, apresentarei aqui alguns dados preliminares sobre seu escopo e diretrizes, bem como alguns apontamentos procedentes sobre a sua próxima etapa, a qual consistirá noutra etnografia, a respeito da produção poética e visual atrelada aos folhetos de cordel, nas cidades de Olinda e Bezerros, no Estado de Pernambuco.

Em pesquisa bibliográfica levada a cabo na elaboração do projeto, foi possível notar que a maioria dos estudos dedicados ao entendimento deste gênero poético o apreendia a partir da teoria literária ou do folclore. Por não ter encontrado trabalhos que problematizassem a *indissociabilidade* dos folhetos, ou seja, a relação entre suas imagens, versos e saberes, coloco-me a seguinte questão: como inquirir um artefato que requer sua leitura sem indagar sobre os modos de relação do seu público com este objeto-folheto? Isto é, mesmo que fossem cantados ou declamados, é digno de nota que os estudos precedentes não tenham atentado para o fato de que as imagens – que estampam os folhetos – poderiam desempenhar um papel fundamental na sua circulação. Por conseguinte, a poética-visual dos folhetos interessa-me menos como um produto (resultado acabado de um processo de produção artística) do que como um modo de relação (fundada sobre as ações diretas e indiretas exercidas por versadores e seu público, que os lêem e os vêem à venda em cordéis nas feiras e mercados). Tanto a pesquisa bibliográfica quanto às idas aos campos de pesquisa (em arquivo, e nas cidades de Olinda e Bezerros) deixaram claro que o folheto é um artefato que cria redes de socialidade, onde circulam e imbricam-se sujeitos e saberes variados.

E por notar a ausência de tratamento da dimensão imagética dos folhetos de cordel, sugiro que as xilogravuras compõem (juntamente com as matizes poéticas e os saberes narrados) um sistema de comunicação que se entendido apenas por uma de suas partes acaba por velar a interdependência destes aspectos (complementares) na relação que se estabelece entre o objeto-folheto e o público leitor/ouvinte. Assumo a análise da dimensão imagética dos folhetos listados para os fins desta pesquisa a fim de pôr à prova o argumento de Marco Antonio Gonçalves, quando diz que “*a rima do cordel é feita para o ouvido e para a memória e não para os olhos*” (GONÇALVES, 2007, p.50). Ora, se aos olhos não resta outra coisa que a leitura dos versos, de que modo atuariam as xilogravuras que estampam os folhetos? Neste sentido são dignos de nota os trabalhos do antropólogo Carlo Severi sobre pictografias, cantos rituais e sistemas mnemônicos (2004, 2002), nos quais procura demonstrar que a memória social vale-se, muitas vezes, de uma mnemotécnica figurativa, cujo foco é a relação que se estabelece entre uma iconografia relativamente estável e um uso rigorosamente vigiado da palavra, organizada em repetições paralelísticas referentes à memória (2004, p.184).

E como na tese de doutorado de Aristóteles Barcelos Neto (2004), procuro evitar que o peso conceitual de fenômenos como *arte, estética, política e poder* achatem a compreensão de expressões poético-visuais que pouco se ajustam a campos disciplinares como “antropologia da arte”, “da política”, “da estética”, “da saúde”. Recentemente, Pedro de Niemeyer Cesarino (2008) apontou um descontentamento – que partilho – ao se deparar com a ausência de um campo de debates que procure dar conta daquilo que, no caso de sua pesquisa, extrapola os domínios das artes verbais e visuais, repercutindo noutras expressões estéticas (música, gravura, cantos), articulando-se num amplo sistema de pensamento. Enquanto Cesarino propõe uma apreensão da poética-visual do povo indígena Marubo, proponho uma apreensão da poética-visual dos folhetos referidos a saberes, personagens e práticas de cura.

Se no caso estudado por Cesarino, “poética é informação” (2008, p.11), tenho em mente a dimensão informativa dos folhetos de cordel que, além de constituírem uma modalidade específica de expressão poética e estética, também são responsáveis pela divulgação de saberes sobre temas os mais variados, dentre os quais, interessam-me aqueles referidos às práticas de cura e seus personagens, imagens e terapêuticas. Pois mesmo onde havia rádio e outros meios de comunicação, os folhetos de cordel tinham um papel importante na divulgação de informações, tanto é que podemos encontrar dentre os mais conhecidos poetas um que se autodenomina ‘o poeta repórter’: José Soares. Ele afirma que, “*ao botar no verso as notícias que escuta em diferentes fontes [...], sabe que a gente da rua quer ouvir a rima, porque assim guarda melhor o acontecido.*” (SOARES *apud* LUYTEN, 1992, p.111). O que parece sobressair, pelo menos na memória dos leitores/ouvintes de folhetos, é a possibilidade de (também) ter prazer no momento de se informar. Vê-se, pois, que o folheto constituía uma fonte de informação capaz de divertir. E, nesse aspecto, destacava-se a habilidade do poeta em transformar a notícia em história, conto ou fábula.

Toda essa discussão visou o estabelecimento de um aporte teórico-metodológico para o consecutivo estudo dos folhetos de cordel. E para além da relação entre os personagens das narrativas, proponho que a relação entre o objeto-folheto e seu público seria reveladora de uma questão heurística.

Em geral os vendem [os folhetos] junto com almanques, orações impressas, canções, remédios caseiros e imagens de santos, ou então revistas de segunda mão. E nesta associação entre folhetos e outros objetos, talvez haja algo mais que a mera conveniência prática e fortuita do vendedor. Talvez ela nos informe sobre um campo mais amplo de representações simbólicas a que todos esses objetos pertencem (ARANTES, 1982, p.32).

No que concerne aos objetivos desta pesquisa, tenho especial interesse pela associação de artefatos e garrafadas, plantas, unguentos e remédios, uma vez que proponho que os saberes medicinais populares tinham – e somente mediante *etnografia* poderíamos problematizar

se ainda *têm* – no universo poético-visual dos folhetos de cordel um importante meio de divulgação de casos, histórias e estórias de procedimentos de cura. Tais folhetos são elementos correlatos às práticas de cura que narram por que constituem uma das suas expressões estéticas; um de seus testemunhos; neste caso, poético-visual, artefactual.

Em conversa com o poeta e gravurista Jota Borges, na cidade de Bezerros (PE), em junho de 2007, algumas dessas questões apareceram enquanto falava-me da importância da “mentira” como recurso criador e da existência de um poeta-curandeiro, chamado Bastos Silva:

Messias: Então quer dizer que ao escrever poesia e versos sobre “acontecidos” também é preciso inventar, não é?

Jota: É [...] Agora, uma mentira controlada [...] Que entre no sentimento do povo, o povo acredita. Uma mentira que tenha acontecido, que esteja acontecendo, ou que futuramente possa acontecer. É uma mentira que tem um ‘meio’; agora tem gente que exagera né? O folheto tem que ser feito dentro de uma mentira, baseada naquilo que o povo acreditar. É uma coisa ‘mesclada’, sabe? Inclusive tinha muitos curandeiros, gente que vendia erva, e que curava no meio da feira, e também vendia folheto. Também escrevia e vendia folheto. Eu conheci um velho aí em Gravatá (PE), chamado Bastos Silva. E ele escreveu. Ele vendia ‘ferro velho’, ‘cimento de embira’, folha de mato, chá, ele ‘rezava dedo’ no meio da feira.

Parece-me que nos dois casos, quer atuando como conselheiros, quer escrevendo poesia, o procedimento básico é o mesmo: o poeta “apreende” uma imagem do mundo e a devolve dando-lhe sentido em termos de um contexto particular; o poeta poderia ser considerado como um *mediador* entre os acontecimentos do âmbito da vida prática e a sua reconstrução significativa. E a citação seguinte dá mostras de que o potencial comunicativo dos folhetos atrai – há tempos – aqueles interessados nos possíveis ganhos de sua circulação e difusão entre seu público; leitores e ouvintes das paragens nordestinas.

O poder de comunicação dos poetas populares é tão expressivo que ainda hoje se lê, no *Jornal do Brasil* de 19-12-71: ‘Violeiros e repentistas serão aproveitados para, com a sua linguagem, despertar nas populações do interior a conscientização do desenvolvimento econômico-social. Para isso, estão recebendo treinamento no Centro de Comunicação Social do Nordeste – CECOSENE – no Recife (*apud* CASA DE RUI BARBOSA, p.236).

Alberto Alves, numa obra dedicada à relação entre medicina e folhetos de cordel, diz que aos poucos os avanços científicos motivaram uma “mudança de mentalidade” (ALVES, 2001). E o universo poético-visual dos folhetos teria acompanhado esse desenvolvimento, até se tornar aliado da medicina preventiva. Este autor relata que, atentas à difusão deste gênero poético entre a população, as instituições oficiais de saúde perceberam que a linguagem acessível dessa poesia poderia ajudar na divulgação de conceitos de higiene, prevenção e pro-

moção da saúde. Assim, “*ao encarregar pessoas do mesmo meio, falando a mesma língua e tendo os mesmos costumes, de passar essas informações, o receptor se identifica e a barreira da comunicação é vencida.*” (ALVES, 2001, p.36).

Esta pesquisa pretende, portanto, se aproximar daquelas feitas por Bruno Latour (2004) e Isabelle Stengers (2002) ao focar o tema da purificação das áreas do saber, neste sentido tipicamente moderna, que estancaria a “natureza”/“folclore” e a “sociedade”/“ciência”, privando nosso entendimento acerca daquilo que foi deixado de fora da oficialidade, sendo passível de identificação apenas noutros registros, do “oficioso” e das “crendices”. Bem sabemos que a objetividade científica não se permite o riso dos versos e imagens que nos falam de outros saberes e das garrafadas milagrosas de um tal Bento de Bibiribe que curam qualquer doença.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M.W.B. de. **Folhetos: a literatura de cordel no Nordeste brasileiro**. 1979. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALVES, A. **O cordel e suas histórias: medicina preventiva**. São Paulo: Abooks, 2001.

ARANTES, A. **O trabalho e a fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel**. São Paulo: Kairós/Funcamp, 1982.

BARCELOS NETO, A. **Apapaatai: rituais de máscaras no Alto Xingu**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BATISTA, F.C. **Os milagres do bento de bebiribe e o enterro da medicina**. Paraíba: Livraria Gonçalves Penna, 1913. 15p

CASA DE RUI BARBOSA. **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro: [s.n., 19?]. v.3.

CESARINO, P.N. **Oniska: a poética do mundo e da morte entre os marubo da Amazônia ocidental**. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CUNHA, O.M.G da. **Do ponto de vista de quem? diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.36, p.7-32, 2005.

GONÇALVES, M.A. **O mundo poético do cordel: um ponto de vista antropológico**. 2007. Mimeo. Texto inédito.

INGOLD, T. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling, and skill**. London: Routledge, 2000.

LATOURE, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 2004 [1991].

LATOURE, B. **Ces réseaux que la raison ignore - laboratoires, bibliothèques, collections**. In: JACOB, C.; BARATIN,


N. (Org.). **Le pouvoir des bibliothèques: la mémoire des livres dans la culture occidentale.** Paris : Albin Michel, 1996. p.23-46.

LUYTEN, J.M. **A notícia na literatura de cordel.** São Paulo: Liberdade, 1992.

PEREIRA, E.; ALVES, G. **AIDS.** Maceió: Ed. Prop. Casa das Crianças de Olinda, 1994. 8p.

SEVERI, C. **La memoria ritual.** Quito: Abya Yala, 2004 [1996].

SOBRINHO, J.A. **Vida, obra, glória e morte do Dr. Oswald Cruz.** Campina Grande: [s.n.], 1977. 35p.

STENGERS, I. **A invenção das ciências modernas.** São Paulo: Editora 34, 2002. 

Sobre o autor

Messias Basques

Messias Basques é Antropólogo, bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP, 2003-2007), e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS-UFSCar, 2008). E atua como pesquisador associado ao Laboratório de Antropologia da Ciência e Tecnologia (LACT-UNB) ; ao Núcleo de Experimentações em Etnografia e Imagem (NEXTImagem - UFRJ), e ao grupo Hybris - Estudo e Pesquisa sobre Relações de Poder, Conflitos, Socialidades (PPGAS-USP/UFSCar).